

latino utiliza para alcançar os seus intentos. Fica assim claramente demonstrada a importância que o exercício da retórica assume na concepção da obra de Marcial.

A comunicação de Ángel Ballesteros Herráez, “Retórica y estilo en Tácito: *Historiae*, 2,76-77” (pp. 421-437), procura, de forma bastante minuciosa e cuidada, identificar até que ponto o autor latino respeita o modelo retórico da época, mantendo a sua originalidade. A transcrição integral do excerto latino em análise e um resumo esquemático da divisão do discurso facilitam bastante a compreensão do artigo.

Belén Trobajo de las Matas, em “El proemio en la literatura y retórica clásicas y su pervivencia: M. de Unamuno” (pp. 439-465), depois de uma análise do próemio nos primórdios da Literatura Grega, destaca a importância do mesmo em alguns géneros e obras literárias. Após este breve estudo, a autora centra-se na análise do próemio retórico, enumerando de forma bastante sumária, embora sem prejuízo para a compreensão do texto, as características do mesmo. Esta digressão, algo longa, tem por objectivo introduzir a análise da função do próemio na literatura contemporânea e, de forma mais pormenorizada, em Miguel de Unamuno. A boa divisão dos assuntos no texto colabora para a compreensão do artigo, por permitir ao leitor uma visualização rápida e clara do tema em discussão.

A comunicação de Marília P. Futre Pinheiro, “O conceito de *diegema* (*narratio*) na retórica antiga e na moderna crítica literária” (pp. 467-479), que encerra o presente volume, detém-se sobre a análise do conceito de narrativa, que a autora procura explicitar recorrendo especialmente aos textos de Téon, Hermógenes e Aftónio. A análise bastante cuidada percorre ainda textos de Platão, Aristóteles ou Quintiliano, por forma a explicitar o conceito de verosimilhança, directamente relacionado com a narrativa.

A título de conclusão, congratulamo-nos com esta recente publicação, e dada a riqueza científica das comunicações que o presente volume encerra, recomendamos vivamente a leitura do mesmo a todos os que se debruçam e interessam por assuntos de natureza retórica.

EMÍLIA OLIVEIRA, ISABEL GRAÇA, MAFALDA FRADE

José Ribeiro Ferreira (coord.), *Actas do Congresso “A Retórica Greco-Latina e a sua Perenidade”*, vol. II, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 2000.

Dá o presente volume continuidade às comunicações apresentadas ao Congresso subordinado ao tema em epígrafe.

O artigo que inicia o presente volume, de Luciana Sparisci (“Los recursos retóricos de los Carmina Burana”, pp. 487-495), analisa de forma bastante clara e sistematizada os recursos retóricos presentes na obra em estudo.

Já a comunicação de Henrique Pinto Rema, “A retórica em Santo António de Lisboa no contexto português e europeu da Idade Média” (pp.497-518), destaca de forma bastante aturada as particularidades técnicas, estilísticas e linguísticas da obra de Santo António, tendo como pano de fundo a teoria retórica e o ambiente histórico-cultural que o rodearam.

O artigo de Walter de Medeiros, “Retórica do naufrágio e da morte no romance de Petrónio” (pp. 519-526), evocado da poesia que caracteriza o seu autor, percorre de forma sugestiva, clara e completa o “arsenal retórico” (p.524) através do qual Petrónio narra as desventuras das suas personagens, procurando analisar a influência dos processos retóricos na construção do texto.

A comunicação de Delfim Ferreira Leão, “Gíton ou a arte da ambiguidade” (pp.527-541), procura, através da análise de uma personagem do *Satyricon*, demonstrar de que forma são utilizados os recursos retóricos na caracterização das personagens, bem como contribuir para a definição do estado da retórica no tempo deste autor. A presença de inúmeros excertos e de uma cuidada tradução dos mesmos contribui para uma clara compreensão do tema em análise.

A cuidada e minuciosa comunicação de Manuel Guillén de la Nava, “El discurso de Pablo ante el Areópago (Hechos 17, 22-31): un ejemplo de la adaptación de la retórica cristiana al estoicismo” (pp.543-554), recolhe a forma como os primeiros cristãos utilizaram a retórica para atingir os seus objectivos de evangelização.

O mesmo procura demonstrar o artigo de Paula Barata Dias, “A retórica clássica e a homilética cristã” (pp. 613-629), embora, neste caso, a autora não se limite à análise de um único texto, mas percorra de forma meticulosa não apenas os textos sagrados da Bíblia, mas também as teorias de Tertuliano, de Santo Agostinho ou de São Jerónimo, entre outras.

Américo da Costa Ramalho, sob o título “Entre a gramática e a retórica: as *Figuras* na *Gramática Portuguesa* de João de Barros” (pp. 555--567), analisa de forma minuciosa algumas figuras de retórica referidas pelo escritor quinhentista, confrontando-o com o gramático António de Nebrija. De louvar as ilustrações que complementam o texto e que, finalmente, puderam contribuir para uma questão já abordada pelo autor em anteriores artigos.

O artigo de E. Sánchez Salor, “El ritmo en prosa — De Cicerón a El Brocense” (pp. 569-592), procura reflectir sobre a importância que a prosa rítmica adquire desde Cícero até aos tratados de retórica do *Brocense*, analisando ao pormenor a influência dos sons, a disposição das palavras e a importância do final de frase.

Também a comunicação de Manuel Mañas Núñez, “Los *Topica Ciceronis* de Francisco Sánchez El Brocense” (pp. 631-643), se debruça de forma arguta sobre a influência dos ensinamentos de Cícero neste humanista e na evolução das suas teorias.

O artigo de Eduardo Otero Pereira, “La educación en la Antigüedad Tardía: el *Panegírico* de Eumenio” (pp. 593-612), dá conta da evolução da retórica no mundo romano, desde as origens, em que possuía uma função eminentemente prática, até ao momento em que adquire funções mais encomiásticas cultivando, em especial, o panegírico, objecto de estudo este artigo. A análise aturada e recheada de exemplos do *Panegírico* de Euménio fornece material suficiente para caracterizar de forma bastante meticulosa um tipo de retórica em expansão no Império.

O artigo de Carlos de Miguel Mora, “El “De Oratore” de Cicerón como fuente del “De Poeta” de Míturno” (pp. 645-654), analisa as relações entre Retórica e Poética na época do Renascimento, por forma a comparar clara e cuidadosamente textos de Cícero e Míturno, explicitando até que ponto este último é ou não fiel aos ensinamentos do Arpinate.

Margarida Miranda (“Teatro jesuítico: Miguel Venegas, dramaturgo e mestre de retórica”, pp. 655-669) dedica-se, por sua vez, a uma aturada análise da influência que o jesuíta Miguel Venegas teve na interligação entre o teatro e a retórica na cultura do seu tempo.

A comunicação de Maria Paula Santos Soares da Silva Lago, “Naceo e Amperidónia: função retórica dos fragmentos proemiais” (pp. 671-683), procura, de forma cuidada, revelar o papel do proémio retórico na novela em estudo.

Carlota Miranda Urbano reflecte sobre a influência d’ “A ‘retórica da imaginação’ dos *Exercícios Espirituais* de S.^{to} Inácio numa oração de sapiência do séc. XVII” (pp. 685-695) proferida, em 1629, pelo jesuíta e humanista Francisco Machado e intitulada *Anniuersaria Sapientiae Commendatio apud Conimbricenses Academicos*.

Jorge A. Osório (“O persuasor Cristão segundo Erasmo”, pp. 697-714) tece algumas sugestivas considerações acerca do perfil do orador cristão ideal traçado pelo humanista holandês.

Já Sebastião Tavares de Pinho, com a elucidativa comunicação “Aires Barbosa e os seus *Cem Exórdios Retóricos*”, pp. 715-727, depois de constatar o carácter oratório dos prefácios, proémios e introduções das obras publicadas pelo primeiro grande humanista português, conclui constituírem estes os “cem exórdios retóricos” (p. 727) a que Aires Barbosa se referia, em número simbólico, no epigrama dedicado a Jorge Miranda que integra o famoso volume *Antimoria*.

Nair de Nazaré Castro Soares (“Retórica e pedagogia humanistas: a obra de D. Jerónimo Osório”, pp. 729-752) defende de forma perspicaz encontrar-se subjacente à composição do tratado humanista *De regis institutione et disciplina*, consonante com os gostos retóricos da eloquência da época, o intuito pedagógico da obra.

A comunicação “A veia retórica de Inácio de Moraes ou os tons ovidianos de um *Infelix Vates*”, pp. 753-769, de Virgínia Soares Pereira, atesta, por sua vez,

a componente retórica de cunho marcadamente ovidiano na obra poética deste humanista eborense. A autora confere especial relevo à produção elegíaca de Inácio de Moraes, fundamentando as suas considerações com o recurso oportuno a excertos da obra ovidiana e do renascentista.

Alejandro Borrego Pérez (“La *Oratio de Instituenda Adolescentia* del P. Andrés Rodríguez en el contexto inaugural de las clases de gramática en Granada”, pp. 771-794) oferece “fragmentos de esta inédita *Oratio*, pronunciada por el P. Rodríguez en 1584” e comenta “brevemente las circunstancias que rodearon dicho evento.” (p. 771).

Maria Micaela Ramon Moreira, com a pertinente comunicação “A presença das categorias do discurso retórico na construção dos sonetos de tradição petrarquista”, pp. 795-804 refere a influência da retórica na lírica amorosa de raiz petrarquista, baseando a sua exemplificação em dois celebérrimos sonetos camonianos.

Igualmente pertinente nos parece a reflexão de Aires Rodeia Pereira, “Da retórica clássica à música no barroco”, pp. 805-812, que analisa a recuperação, na linguagem dos compêndios da música barroca, da linguagem clássica da retórica.

A comunicação “Persuadir e deleitar: presença da retórica na *Nova Floresta* do Padre Manuel Bernardes”, pp. 813-840, de Mafalda Ferin Cunha, examina criteriosamente o recurso ao *exemplum*, ao símile e à metáfora como processos retóricos persuasivos, mas também de deleite, na obra mais célebre do Padre Manuel Bernardes.

Maria Aparecida Ribeiro (“O escritor e o falastrão: retórica e anti-retórica no modernismo brasileiro”, pp. 841-854) procede a uma análise breve de algumas personagens do Modernismo brasileiro através das quais os seus criadores constataram e satirizaram a verborreia, a demagogia e a política de interesses.

Reflectindo sobre o interessante tema d’ “O *Riso* em Maria Velho da Costa e Nélide Piñon”, pp. 855-872, Beatriz Weigert atesta de forma sugestiva a presença de uma retórica do riso em “Ova Ortografia” (in *Desescrita*), de Maria Velho da Costa, e na narrativa “I love my Husband” (in *O Calor das Coisas*).

Sobre a influência da retórica na comunicação social, reflectiram aturadamente Carlos Leone (“Retórica e oratória nos *media*”, pp. 873-877) e José Esteves Rei (“Vestígios da retórica clássica na comunicação social”, pp. 879-893), analisando o aproveitamento do legado da retórica clássica nos e pelos *media* dos nossos dias.

Aníbal Pinto de Castro (“Entre Cícero e Aristóteles – A retórica em Portugal, do Renascimento ao Barroco”, pp. 895-910) mostra claramente que o ensino da Retórica, na primeira fase do Renascimento português, se processava sob a égide de Cícero. Todavia, a entrega, em 1555, do Colégio das Artes à Companhia de Jesus “trouxe-lhe inquestionavelmente profundas mudanças na orientação e no aproveitamento dos textos sobre que se fundamentava o ensino

ali ministrado” (p. 902). O ensino da Retórica continuava a ser privilegiado. No entanto, mediante a revalorização da Dialéctica e a leitura comentada dos autores gregos em detrimento dos tratadistas latinos, a *Retórica* de Aristóteles arrebatou a primazia concedida até então aos preceitos ciceronianos. O *mouere* e o *delectare* assumiram-se, pois, como princípios fundamentais da persuasão e, sobrepondo-se ao *docere*, confirmaram o triunfo da teoria barroca.

A comunicação de Fernando José Bronze, “As margens e o rio (da retórica à metonímologia)” (pp. 911-946), traça, com alguma densidade, o percurso assumido pela retórica jurídica desde as origens greco-latinas até aos nossos dias, sublinhando a importância que hoje se lhe reconhece e atribui. O autor afirma ainda que “a retórica clássica poderá ainda dizer alguma coisa aos juristas de hoje; mas não lhes dirá, seguramente tudo!...” (p. 913).

Já Mário Mesquita (“Retóricas da comunicação – Do jornalismo às telecerimónias”, pp. 947-968) faz uma digressão pelos campos do jornalismo e das telecerimónias, acabando por centrar a sua análise na reconfiguração televisiva de uma cerimónia religiosa específica: “a missa cantada que precedeu o cortejo fúnebre de Francisco Sá-Carneiro.” (p. 960). A concluir, reconhece no legado retórico da Antiguidade “um inesquecível repositório de conceitos que nos ajudam a equacionar as questões da comunicação nas sociedades contemporâneas.” (p. 966).

Na Sessão de Encerramento, Sebastião Tavares de Pinho, membro da Comissão Organizadora, proferindo as “Paenultima uerba” (pp. 973-979), aproveita para “fazer o ponto da situação dos trabalhos” desenvolvidos, “com a intenção particular de facilitar uma visão geral a todos os participantes, que, dado o funcionamento simultâneo das sessões, não a poderiam realizar.” (p. 978).

Cumprido este objectivo, a encerrar o Congresso, António de Almeida Santos, Presidente da Assembleia da República, partindo da sua experiência pessoal como parlamentar, reflecte de forma pertinente e interessante sobre a importância e “O uso da retórica na vida política e parlamentar” (pp. 981--995). Depois de apresentar algumas “regras comportamentais” que a retórica clássica recomendaria aos parlamentares do presente (cf. pp. 993-995), conclui serem estas de grande utilidade, se bem que não tenham o dom de suprir em absoluto “a falta de génio oratório” (p. 995). O orador ideal é, pois, aquele que consegue conjugar a facilidade inata de comunicar com o conhecimento das regras enunciadas.

Consideramos, então, que, dado o carácter interdisciplinar que envolveu esta iniciativa, reveste-se esta publicação de um manifesto interesse e utilidade para todos quantos pretendam aprofundar os seus conhecimentos relativos à retórica, sendo esta uma área de estudo amplamente ramificada e com grande visibilidade, em termos de interligação com outros campos do saber.

EMÍLIA OLIVEIRA, ISABEL GRAÇA, MAFALDA FRADE